



VOZES EM DENÚNCIA: oralitura, memória coletiva e racismo no atendimento médico brasileiro.

Rubia Bernardes Nascimento – Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP ¹

RESUMO

Este relato de experiência apresenta reflexões decorrentes da atual fase da pesquisa de doutorado *Poética da Denúncia: disruptura cênica e a criação de novas matrizes de conhecimento*, desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP. A escrita articula práticas de criação cênica, oralitura e escuta de narrativas de pessoas negras sobre experiências de racismo no atendimento médico brasileiro, compreendendo tais relatos como arquivos vivos de memória coletiva. A partir das contribuições teóricas de Leda Maria Martins, especialmente no que se refere à oralitura e ao corpo como lugar de inscrição e transmissão de saberes, o trabalho discute como vozes, silêncios, gestos e ritualidades afro-diaspóricas operam como procedimentos estéticos e políticos de denúncia. O relato dialoga ainda com a entrevista realizada com o ator e diretor Clayton Nascimento, autor da peça-denúncia *MACACOS*, refletindo sobre processos de autoprodução, dramaturgia negra contemporânea e invenção de universos cênicos comprometidos com temas considerados difíceis. Ao reunir experiência pessoal, relatos coletivos e referenciais teóricos, o texto evidencia como a escuta dessas vozes tensiona a cena, confronta a necropolítica e afirma o corpo negro como fonte de conhecimento, memória e vida.

PALAVRAS-CHAVE

memória coletiva; oralitura; performance; racismo institucional; teatro-denúncia.

¹ Rubia Bernasci: Doutoranda em Artes da Cena pela UNICAMP com a pesquisa *A Poética da Denúncia: disruptura cênica e a criação de novas matrizes de conhecimento*. Atriz – Performer – Fotógrafa- Cineasta – Artista-Docente – Atriz e Produtora no Grupo de Teatro Apoteose. E-mail: rubiabn@gmail.com



ABSTRACT

This experience report presents reflections arising from the current stage of the doctoral research *Poetics of Denunciation: scenic disruption and the creation of new matrices of knowledge*, developed within a Graduate Program in Performing Arts. The text articulates scenic creation practices, orality, and the listening of narratives from Black individuals regarding experiences of racism in Brazilian medical care, understanding these accounts as living archives of collective memory. Based on the theoretical contributions of Leda Maria Martins, particularly her concept of orality and the body as a site of inscription and transmission of knowledge, the article discusses how voices, silences, gestures, and Afro-diasporic ritualities operate as aesthetic and political procedures of denunciation. The report also engages with an interview conducted with actor and director Clayton Nascimento, author of the denunciation play *MACACOS*, reflecting on self-production processes, contemporary Black dramaturgy, and the invention of scenic universes committed to addressing difficult themes. By bringing together personal experience, collective narratives, and theoretical references, the text highlights how listening to these voices reshapes the scene, confronts necropolitics, and affirms the Black body as a source of knowledge, memory, and life.

KEY WORDS

collective memory; denunciation theater; institutional racism; orality; performance.

1. A POÉTICA DA DENÚNCIA COMO EXPERIÊNCIA EM ANDAMENTO

Este relato de experiência se insere no contexto do **EPA – Encontro de Pesquisa em Andamento**, espaço dedicado à partilha de processos, dúvidas e formulações ainda em curso. A escrita parte da compreensão de que a pesquisa em artes da cena não se organiza apenas a partir de resultados consolidados, mas sobretudo a partir de deslocamentos, escutas e atravessamentos que reconfiguram continuamente os modos de pensar, criar e existir na cena.

A pesquisa de doutorado que sustenta este trabalho, intitulada *Poética*



da Denúncia: ruptura cênica e a criação de novas matrizes de conhecimento, tem como eixo central a investigação de procedimentos artísticos que operam a denúncia do racismo estrutural por meio do corpo, da

performance e da oralidade. Nesse percurso, a denúncia não é compreendida apenas como exposição de uma violência, mas como gesto ético, político e estético que convoca memória, responsabilidade e transformação.

Ao longo da investigação, tornou-se incontornável o contato com narrativas de pessoas negras sobre experiências de racismo no atendimento médico brasileiro. Essas experiências, frequentemente marcadas pela deslegitimação da dor, pela negligência e pela patologização dos corpos negros, revelam a permanência de práticas necropolíticas que atravessam o campo da saúde. Escutar essas vozes passou a ser, portanto, um procedimento fundamental tanto para a pesquisa quanto para a criação cênica, instaurando um campo de escuta que desloca a centralidade da experiência individual e afirma processos coletivos como eixo dramático.

2. ORALITURA, CORPO E MEMÓRIA COLETIVA

As reflexões desenvolvidas neste relato dialogam diretamente com as contribuições de Leda Maria Martins (2003), especialmente no que se refere ao conceito de oralitura. Para a autora, a oralitura convoca um regime epistemológico que ultrapassa a primazia da palavra escrita e reinscreve o corpo como lugar de inscrição, resguardo e transmissão de saberes. Gestos, sons, silêncios, entonações, ritmos e deslocamentos corporais constituem, nesse sentido, arquivos vivos de memória.

Essa perspectiva tem orientado de maneira decisiva minha prática artística e investigativa. Ao reconhecer o corpo como encruzilhada de saberes, compreendo que a criação cênica se dá não apenas pela elaboração racional



de discursos, mas pela escuta atenta dos sinais que emergem do próprio corpo. Muitas vezes, é no silêncio da boca que o corpo encontra outros modos de falar e denunciar.

A oralitura, nesse contexto, permite compreender as narrativas de racismo no atendimento médico não apenas como conteúdos informativos, mas como experiências corporificadas que se manifestam na voz trêmula, na pausa prolongada, na repetição insistente ou na dificuldade de nomear a violência

vivida. Esses elementos compõem uma dramaturgia sensível que desafia os modos tradicionais de registro acadêmico e convoca a cena como espaço privilegiado de escuta.

3. METODOLOGIA DA EXPERIÊNCIA: ESCUTA, FORMULÁRIO E ÉTICA

A aproximação com essas vozes ocorreu por meio de um formulário online, divulgado entre redes de pessoas negras interessadas em contribuir com a pesquisa. O instrumento foi elaborado com cuidado ético, garantindo anonimato, consentimento e a possibilidade de envio de relatos em diferentes formatos, incluindo texto e áudio. Tal escolha metodológica reconhece que nem todas as experiências se organizam de maneira linear ou facilmente verbalizável.

A escuta desses relatos revelou múltiplas facetas do racismo institucional na medicina brasileira, evidenciando que tais práticas não se configuram como episódios isolados, mas como estruturas reiteradas de exclusão e violência. Ao incorporar essas narrativas ao processo criativo, a pesquisa desloca o eixo da autoria individual e assume um caráter relacional, em que a cena se constrói a partir do encontro entre vozes.



4. TEATRO-DENÚNCIA E DRAMATURGIA NEGRA: DIÁLOGOS COM CLAYTON NASCIMENTO

Como parte deste percurso, realizei, em 14 de agosto de 2025, na cidade de Uberlândia–MG, uma entrevista com o ator e diretor Clayton Nascimento, autor e intérprete da peça-denúncia *MACACOS*. A conversa integrou o campo empírico da pesquisa e possibilitou reflexões sobre dramaturgia negra contemporânea, autoprodução e a urgência de tratar temas considerados difíceis no teatro brasileiro.

Clayton Nascimento destaca que o processo de criação de *MACACOS* surgiu da insatisfação com a repetição de modelos acadêmicos e dramáticos que não davam conta das experiências negras. A escolha pela

autoprodução, ainda que atravessada por dificuldades, revelou-se como estratégia de autonomia e invenção de universos cênicos próprios. A importância de cenas curtas, da experimentação e da relação crítica com a universidade aparecem como aspectos centrais de sua prática. Pois foi a partir de uma cena curta que a peça ganhou amplitude.

Essas reflexões dialogam diretamente com minha pesquisa, reforçando a compreensão do teatro-denúncia como campo de invenção estética e posicionamento político, em que a cena negra se distancia do drama burguês europeu e se aproxima de epistemologias ligadas à natureza, à ancestralidade e à sobrevivência.

5. VOZES QUE SE SOMAM: RACISMO NO ATENDIMENTO MÉDICO E CRIAÇÃO CÊNICA

Em paralelo às reflexões teóricas e aos diálogos com outras práticas artísticas, iniciei a organização de um esboço cênico a partir de três relatos de pessoas negras que compartilharam experiências de racismo em atendimentos



médicos. Essas vozes, somadas à minha própria experiência, alteraram significativamente o enredo e a estrutura dramatúrgica inicialmente concebida.

A incorporação desses relatos não se deu como mera ilustração temática, mas como procedimento de escuta que reconfigura tempo, ritmo e presença em cena. O material coletado passou a operar como motor dramatúrgico, instaurando uma pesquisa de caráter etnográfico e autoetnográfico, em que a cena se constrói a partir da relação entre memória, corpo e denúncia.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Participar do **EPA – Encontro de Pesquisa em Andamento** constituiu-se como etapa fundamental para o amadurecimento desta investigação. As escutas, comentários e devolutivas das pessoas participantes contribuíram para ampliar os horizontes da escrita e da criação cênica, reafirmando a importância de espaços que acolham pesquisas em processo.

Este relato evidencia que a poética da denúncia se constrói na encruzilhada entre vozes, corpos e memórias, afirmando o corpo negro não como objeto de violência, mas como fonte de conhecimento, cura e transformação. A pesquisa segue em andamento, aberta às reverberações que essas vozes ainda produzirão na cena e na escrita.



7. REFERÊNCIAS

MARTINS, Leda Maria. *Performances da oralitura: corpo, lugar da memória*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2003.

NASCIMENTO, Clayton. *MACACOS – Peça-denúncia*. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2017.

NASCIMENTO, Clayton. Entrevista concedida à autora. Uberlândia-MG, 14 ago. 2025.